

## **Ataques em Série: O Discurso de Ódio Como Estratégia Articulada de Desconstrução de Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira<sup>1</sup>**

Rosangela de Jesus Fernandes<sup>2</sup>  
Marina Vianna de Andrade<sup>3</sup>

### **Resumo**

A presente pesquisa investiga os discursos de ódio e intolerância que se articulam na internet tendo como alvo o Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, em contraste com a pedagogia defendida pelo educador pautada no amor, no respeito e na fraternidade. A partir de uma perspectiva bakhtiniana e considerando a centralidade do dialogismo nas relações, nos dedicamos a realizar análise de textos publicados em sites e blogs, buscando desvelar a estratégia adotada pela extrema direita como parte da disputa hegemônica no contexto de polarização estabelecido no Brasil, colocando em cheque os limites da liberdade de expressão e seus riscos para a democracia.

**Palavras-chave: discurso de ódio; Paulo Freire; liberdade de expressão**

### **Introdução**

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”  
(FREIRE, 1989, p.9).

A importância de ler o mundo, marca da pedagogia do educador Paulo Freire, nos parece hoje um desafio. A compreensão dos tempos atuais não tem se revelado simples, diante da velocidade vertiginosa dos acontecimentos e de retrocessos há alguns anos inimagináveis. A contemporaneidade é atravessada por incertezas e nos vemos diante da necessidade, como pesquisadoras, de buscar caminhos que possibilitem realizar essa leitura da realidade em meio ao caos. Como nos indica Muniz Sodré, vivemos o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, mídias e liberdade de expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ)

<sup>3</sup> Mestranda em Educação da Universidad de la Empresa – UDE, Uruguai.

---

estabelecimento da “Sociedade Incivil” (2021) imposta pela “política conservadora e neoliberal que rejeita as ideologias de bem-estar da social-democracia” (p.23).

No Brasil, a incivilidade ganha maiores proporções com a ascensão da extrema direita ao poder. Um processo de empoderamento de reacionários que resulta na ampliação do espaço para discursos de ódio nos últimos anos. A presente pesquisa se dedica a realizar um recorte específico desses discursos, optando por analisar exclusivamente os que têm como alvo o educador Paulo Freire. O Patrono da Educação Brasileira tem reconhecimento e diversos prêmios internacionais, entre eles o Prêmio UNESCO de Educação para a Paz, concedido em 1986. Foi titulado Doutor Honoris Causa em 40 universidades, como as do Canadá, Itália, Reino Unido, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Argentina, Bolívia, Suécia e Alemanha. No entanto, chega ao seu centenário, comemorado em setembro de 2021, como um dos alvos preferenciais de ataques conservadores. Interessa-nos compreender a escolha do pedagogo como uma das figuras públicas que nunca ocupou cargo eletivo mais confrontadas pelo discurso de ódio no Brasil.

Este estudo busca jogar luz sobre a estratégia adotada pela extrema direita na tentativa de desconstrução de Paulo Freire – chegando inclusive à tentativa de reverter o título de Patrono da Educação Brasileira - através de análise de textos e imagens que circulam na internet e seu imbricamento entre o virtual e o real. Interessa-nos entender como a liberdade de expressão é utilizada para legitimar discursos intolerantes, agressivos e deturpados a respeito da obra e da personalidade do pedagogo, como parte da disputa hegemônica hoje em processo.

Entendemos que o estudo dos diversos aspectos relativos ao discurso de ódio é necessário e urgente, considerando que as consequências da propagação da retórica intolerante transbordam para toda a sociedade, como indicam Ezequiel e Cioccar (2017): “A incitação ao ódio não só afeta indivíduos e grupos a quem é dirigida, altera também o clima social, promovendo o medo, a polarização e a humilhação dos grupos atacados” (p.46). Toma proporções ainda mais preocupantes o fato da retórica tóxica ser adotada e estimulada pelas autoridades públicas.

A pesquisa tem como foco discursos de autoridades que foram amplamente divulgadas na mídia hegemônica, em redes sociais e *sites* de direita, assim como textos ofensivos disponíveis na internet, em relação aos quais constatamos a estratégia de

---

republicação em diversos *sites* e blogues, especialmente os dedicados a divulgar a ideologia conservadora.

Ao observar detidamente os ataques a Paulo Freire, nos propomos a tentar identificar rastros e vestígios das articulações envolvidas na estratégia discursiva pautada pelo ódio a partir da perspectiva bakhtiniana que considera que os signos “refletem e refratam a realidade” (BAKHTIN, 2014). Assim, em alguma medida, buscamos contribuir com a reflexão sobre esse fenômeno que tem marcado na última década os ataques ao Estado democrático de direito em nosso país.

### **O ódio em discurso**

Nós reconhecemos o discurso do ódio como um ataque contra a tolerância, a inclusão, a diversidade e a essência de nossas normas e princípios de direitos humanos. Mais amplamente, ele compromete a coesão social, desgasta valores compartilhados e pode criar a base para a violência, retardando a causa da paz, da estabilidade, do desenvolvimento sustentável e da dignidade humana (GUTERRES, 2019).

A definição de discurso de ódio e a avaliação de suas consequências apresentadas pelo Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Antonio Guterres, resumem a complexidade do desafio que envolve o tema. Esta não é uma discussão recente, há pelo menos um século o *hate speech* já era registrado nos Estados Unidos, envolvendo ataques relacionados à religião e ao racismo. Já em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu Artigo 7º, proclamava que: “todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole esta Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação”<sup>4</sup>. Nas últimas décadas, o tema ganhou destaque. O Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (PIDCP), de 1992, abordava mais diretamente o assunto no Artigo 20º: “será proibida por lei qualquer apologia do ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitamento à discriminação, à hostilidade ou a violência”<sup>5</sup>. Em 2013, a UNESCO alertou para o crescimento da chamada “retórica tóxica”, na Resolução nº 52 de sua 37ª Conferência Geral, fruto de acordo entre 195 Estados Membros da Organização. E mais recentemente, em 2019, o órgão das Nações

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por> Acesso em 18 set. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0592.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm) Acesso em 18 set. 2020.

Unidas elegeu o tema como prioritário ao lançar a “Estratégia e Plano de Ação Sobre Discurso de Ódio”<sup>6</sup>, baseada no estudo *Countering Online Hate Speech*<sup>7</sup>.

A temática tem sido alvo de pesquisas e de adoção de legislações específicas em diversos países, entre eles, Reino Unido, Canadá, França, Dinamarca, Alemanha e Nova Zelândia. No Brasil, está em tramitação no Congresso Nacional, desde 2014, o Projeto de Lei 7582/2014 que define os crimes de ódio e intolerância e cria mecanismos para coibi-los. O Art. 5º do PL prevê pena de prisão de um a seis anos e multa para quem “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito por meio do discurso de ódio” ou outras ações<sup>8</sup>. Desde 1989 está em vigor a Lei Nº 7.716 que, no Art. 20, tipifica como crime “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

No entanto, a limitação dos discursos de ódio encontra reações. A liberdade de expressão está no centro dos argumentos contrários à punição dessa prática. Nos EUA, decisão da Suprema Corte, em 2017, fez referência à Primeira Emenda à Constituição para assegurar, sem restrições, a liberdade de expressão.

A fala degradante com base na raça, etnia, gênero, religião, idade, deficiência ou qualquer outro plano similar é odiosa, mas o orgulho de nossa jurisprudência de liberdade de expressão é que protegemos a liberdade de expressar o pensamento que odiamos (ALITO, 2017, p. 25, tradução nossa).

O norueguês Helge Rønning (2016), defensor radical da liberdade de expressão, é um dos que fazem eco ao posicionamento. Apesar de admitir que o princípio da liberdade de expressão é manipulado pelos extremistas para atentar contra os direitos humanos, entende que não é possível adotar legislações restritivas: “É o preço que temos para pagar pela defesa da liberdade de expressão. Limitar este direito fundamental é para minar o próprio princípio da democracia.” (p. 50, tradução nossa).

No entanto, o entendimento do discurso de ódio como ataque à dignidade humana que não pode ser tolerado vem sendo adotado por diversos pesquisadores (WALDRON,

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.un.org/en/genocideprevention/hate-speech-strategy.shtml> Acesso em 12 ago. 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233231> Acesso em 20 set. 2020.

<sup>8</sup> Art. 5º Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito, por meio de discurso de ódio ou pela fabricação, comercialização, veiculação e distribuição de símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda, por qualquer meio, inclusive pelos meios de comunicação e pela internet, em razão de classe e origem social, condição de migrante, refugiado ou deslocado interno, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idade, religião, situação de rua e deficiência. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=616270> Acesso em 02 ago. 2021.

2010; LEAL DA SILVA et al., 2011; GONZALES, 2016). Na concepção de Waldron (2010), a regulamentação é indispensável:

Devo argumentar que a regulamentação do discurso de ódio pode ser entendida como a proteção de um certo tipo de bem público precioso: uma garantia visível oferecida pela sociedade a todos os seus membros de que não estarão sujeitos a abusos, difamação, humilhação, discriminação e violência em razão de raça, etnia, religião, gênero e, em alguns casos, orientação sexual (p. 1599).

O crescimento da extrema direita acendeu, nos últimos anos, o alerta em relação às consequências de tal discurso, que o mexicano Isaac de Paz Gonzalez classifica como “um novo rosto do fascismo global que busca o confronto, a violência política e a justificação do Estado para se afastar dos valores legais e da ética pública em seu sentido universal” (2016, p. 28). Posição em diálogo com a do professor Muniz Sodré, que identifica no ódio a origem do que caracteriza como “Sociedade Incivil” (2021), marcada pelo *bios midiático* em que “o espírito do tempo deixa entrever os traços típicos da velha exasperação terrorista do fascismo que se acreditava sepultada” (p. 248). Sodré alerta para o ódio como forma social da contemporaneidade.

O ódio como fato socialmente explícito em comportamentos cotidianos é uma questão emergente no mundo posto em rede, a ponto de se poder pensá-lo como uma forma acelerada e viral de comunicação. É que, a partir do início da segunda década deste século, espalha-se como um vírus o fenômeno dos *haters* (“odiadores”) sujeitos autocomplacentes do ódio ao que se configure como “outro”, assim como ao contraditório no debate (p. 229).

Análise que nos ajuda a entender a escolha de Paulo Freire como alvo dos que fazem do ódio uma prática, como analisaremos a seguir. Sodré também destaca o aspecto perverso da agressividade do discurso, que permite o contraponto com a pedagogia defendida por Freire. “O ódio é disruptivo das formas amorosas, fraternas ou civis da vida” (p. 230).

### **O outro, o amor, o dialogismo**

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada pode se temer da educação quando se ama (FREIRE, 1987, p.15)

O atravessamento da educação pelo amor e o respeito ao outro são bases da pedagogia freiriana. Na definição da pesquisadora Maria Eloá Gehlen, Freire “insistia no conceito de amorosidade do educador, no trato com as pessoas, com seus educandos, no

valor inestimável do amor” (2020, p. 11). Uma postura que o pedagogo espanhol Francisco Gutiérrez ressaltava como fruto da profunda dimensão humanitária de Freire: “sua vida de educador, pedagogo e político é o resultado de uma personalidade extraordinariamente sensível, terna e comprometida” (2008, p. 57).

Paulo Freire apresentava a necessidade e a urgência do diálogo como fundamentais e estruturantes da ação e reflexão do seu método, a práxis capaz de abrir caminho para transformações, em contraste com o monólogo que, fundado no isolamento, significaria a negação do homem. O educador definia a Pedagogia do Oprimido como “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade” (1987b, p. 20).

E na perspectiva freiriana, “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (p. 51). Ele considera que “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (p. 51). É preciso registrar que essa conexão não se dá sem resistência ou incômodo, mas que busca construir relação de confiança na luta conjunta pela libertação.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidualogicidade da concepção “bancária” da educação (1987b, p.52)

A dificuldade de estabelecer diálogo é uma preocupação recorrente nas obras do educador: “Precisávamos de uma pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo. Lamentavelmente, por uma série de razões, esta postura – a do antidiálogo – vem sendo a mais comum na América Latina” (1987, p. 40).

Assim como observado em Freire, em Bakhtin há uma necessidade do outro em nosso desenvolvimento “Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência” (BAKHTIN 1997, p. 257). É na relação com o outro que o ser vai se constituindo. Para Bakhtin, a evolução dos seres se dá, não só em níveis diferentes das visões, como também no juízo de valores. E é justamente a não coincidência dessas visões e valores que cada qual pode enriquecer sua subjetividade.

---

O próprio ser para Bakhtin só existe na relação com o outro e na busca pela abertura do diálogo. Porém, esse movimento em direção ao outro nem sempre é harmonioso e pode se tornar uma provável fonte de conflito. Temos aqui a outra face da não coincidência: se preciso do outro diferente de mim para enriquecer minha visão do mundo, a alteridade também me desloca da minha zona de conforto. A essencialidade do dialogismo bakhtiniano aponta para essa alteridade inerente ao coletivo, para o diálogo intersocial em contraposição ao fechamento do indivíduo. E é através da linguagem que se dá essa ponte entre o eu e o outro: “as relações dialógicas são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso”(BAKHTIN 2010, p. 323).

Perseguido pela ditadura civil-militar que o obrigou ao exílio e observado desde sempre com desconfiança pelos conservadores, Paulo Freire vivenciou tempos de repressão, impossibilidade dialógica e suas consequências no abalo à democracia. No entanto, falecido em 1997, não assistiu à onda recente de ataques de que é alvo, com o ódio explícito circulando nas redes e nas ruas, como descreveremos a seguir. Patrono da educação brasileira e reconhecido internacionalmente, Freire tornou-se objeto da ira não só dos opressores, mas também dos que, como definido pelo estudioso, se caracterizam como “oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas” (1987b, p. 22).

### **Ataques de ódio**

A educação amorosa de Paulo Freire é também questionadora, libertadora, revolucionária. Como ressaltado na Pedagogia do Oprimido, “conceitos como os de união, de organização, de luta, são timbrados, sem demora, como perigosos. E realmente o são, mas, para os opressores” (1987b, p. 87). Esta é uma das chaves para compreender a eleição do Patrono da Educação Brasileira como alvo de perseguição por parte da extrema direita no Brasil. O movimento iniciado pelo menos desde 2015 se intensificou nos últimos anos com a ampliação de espaços ocupados na internet e nas ruas dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Em publicações nas redes sociais, em blogs, mas também em manifestações presenciais, Paulo Freire se tornou personagem constante de ataques e suscitou ainda reação em sua defesa por parte de educadores.

---

A presente pesquisa se atém a analisar uma amostra de discursos e imagens marcadas pelo ódio tendo como objeto o educador Paulo Freire e que circulam na internet. O levantamento inicial, restrito ao período de 2015 a 2020, resultou em 21 publicações em sites e blogs, além de duas entrevistas, sendo uma do presidente Jair Bolsonaro e outra do então ministro da Educação Abraham Weintraub.

A partir de uma perspectiva bakhtiniana, que considera que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2014, p. 42), chama atenção a agressividade dos signos utilizados nos discursos críticos a Paulo Freire. “Energúmeno”, “feio”, “fraco”, “amaldiçoador da educação brasileira”, “patrono da desgraça brasileira”, “charlatão socialista”, “patrono do fracasso educacional brasileiro”, “ruína da educação” são exemplos de expressões encontradas durante a presente pesquisa, em alguns casos acompanhadas de caricaturas depreciativas.

Os discursos de ódio contra Freire no período analisado partiram também das autoridades. O presidente da República, Jair Bolsonaro, em entrevista em frente ao Palácio Alvorada, residência oficial, em Brasília, após divulgação do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) culpou o educador falecido há mais de 20 anos pelo resultado negativo do Brasil no exame em 2019, primeiro ano do seu governo. A agressividade, ao contrário de chocar, provocou gargalhadas entre seus seguidores, claque habitual nos pronunciamentos públicos de Bolsonaro: “Em cima dessa filosofia da vida desse Paulo Freire, esse energúmeno (risos) que foi ídolo da esquerda. Olha a prova do PISA: estamos em último lugar no mundo”<sup>9</sup>. Em março de 2020, foi a vez do então ministro da Educação, Abraham Weintraub, declarar sobre Freire: “Ele é tão ruim que ele é bom. É como a Dilma. Ele é feio, fraco, não tem resultado positivo e o pessoal quer defender, então é bater em morto”<sup>10</sup>.

Os pronunciamentos de autoridades e formadores de opinião são importantes na mobilização de ataques e com grande reverberação, não só nas redes sociais, mas também na mídia hegemônica. De forma complementar, e não menos importante, atuam os blogueiros conservadores que alimentam permanentemente a ira contra o patrono da educação. Nossa pesquisa destaca, entre os pesquisados, artigos que foram publicados em

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xrpZaWhuArI>. Acesso em 01, ago. 2021.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/feio-fraco-e-nao-tem-resultado-positivo-diz-weintraub-sobre-paulo-freire/>. Acesso em 04 jul. 2021.

---

diversos blogues e sites com intensa utilização de linguagem que busca a mobilização através do acionamento de emoção.

O *Voltemos à Direita*, que tem como slogan “um blog político em firme oposição a todo espectro da esquerda progressista”, registra ao menos 15 artigos críticos a Paulo Freire. O seu responsável, Jakson Miranda, se descreve como formado em história, mas ressalva que “não se deixou influenciar pelo pensamento marxista presente no meio universitário brasileiro”<sup>11</sup>. Em 2017 o texto “Paulo Freire: o amaldiçoador da educação brasileira” avaliava que “um país que tem Paulo Freire como patrono da educação está fadado ao abismo cultural, ético e educacional”<sup>12</sup>. Em 2019, sob o título de “O método Paulo Freire é uma balbúrdia”, comemorava o que considerava a possibilidade de se tornar realidade um dos seus maiores anseios: “tirar de Paulo Freire o título de patrono da educação brasileira”<sup>13</sup>.

O *Instituto Liberal* é outro site com diversas publicações depreciativas em relação à pedagogia freiriana. Entre os textos, “Sim! A culpa é de Paulo Freire!”<sup>14</sup> responsabiliza o educador por todos os problemas atuais não só da educação, mas do país. Entre eles, a violência, além da “destruição da autoridade, da ciência, da alta cultura e da paz”. Afirmando que o método é “voltado para a formação de delinquentes” conclui que “Paulo Freire é o patrono da desgraça brasileira”.

“Alguns motivos para ter nojo de Paulo Freire o guru dos petistas”<sup>15</sup> é o título da publicação no *site Ouro Preto Online*. Nele, o educador é chamado de “charlatão socialista” que “conseguiu plantar no Brasil as sementes cancerígenas que foram regadas por uma horda de vigaristas travestidos de educadores e professores, que formaram (e continuam formando) milhões de militantes esquerdistas e analfabetos funcionais”.

O texto “Paulo Freire, o patrono do fracasso educacional brasileiro”<sup>16</sup>, publicado em pelo menos três sites (7minutos.com, vladmirchaves.com.br; oarquivo.com.br), afirma que “o patrono da educação brasileira esforça-se, utilizando uma linguagem tosca

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://voltemosadireita.com.br/autores/> Acesso em 10 ago. 2021.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://voltemosadireita.com.br/paulo-freire-o-amaldicoador-da-educacao-brasileira/> Acesso em 03 ago. 2021.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://voltemosadireita.com.br/o-metodo-paulo-freire-e-uma-balburdia/> Acesso em 01 ago. 2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/sim-a-culpa-e-de-paulo-freire/> Acesso em 05 ago. 2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.ouropretoonline.com/modules/news/article.php?storyid=72888> Acesso em 07 ago. 2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://exatanews.com.br/paulo-freire-o-patrono-do-fracasso-educacional-brasileiro-713693> Acesso em 02 ago. 2021

e truncada, em demonizar a família e a autoridade paterna” e finaliza: “precisamos de mais ciência e menos ideologia barata e mistificadora”.

Por fim, o site *Católicos na Bíblia*, que declara ter como objetivo “reunir os mais diversos temas relacionado com a Igreja Católica”, apresenta um longo texto, com reprodução de trechos de outras postagens disponíveis na internet e citadas aqui anteriormente e intitulado “Conheça Paulo Freire, o Esquerdista que Manipulou e Destruiu a Educação e a História Brasileira”<sup>17</sup>.

As publicações são acompanhadas de imagens depreciativas e uma delas traz uma postagem no Twitter do filho do presidente da República, o vereador Carlos Bolsonaro.

**Figura 1**



Elaboração própria com base em imagens da internet

Os discursos de ódio contra Paulo Freire não se restringiram à internet. Em manifestações públicas, o Patrono da Educação Brasileira também sofreu ataques. Em 2015, em manifestação em Brasília pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, ao lado de pedidos da volta da ditadura podia se observar a faixa com a inscrição: “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire”. Em pesquisa recente em ferramenta de busca da internet, foram identificadas 246 reproduções da imagem.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.catolicosnabiblia.com.br/conheca-paulo-freire-o-esquerdista-que-destruiu-a-educacao-brasileira> Acesso em 04 ago. 2021.

**Figura 2**



Elaboração própria com base em imagens da internet

### **Considerações Finais**

A análise de fenômenos comunicacionais ainda em curso se constitui em desafio. O discurso de ódio tem ocupado espaço importante na contemporaneidade com consequências profundas. No Brasil, sua legitimação pelas autoridades, inclusive pelo presidente da República que faz desta uma prática discursiva, tem levado a conflitos em diversos níveis e se traduzido em risco para os alvos de ataques. O processo que vem sendo registrado mais intensamente desde o início de mobilização pelo golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff assumiu formas mais abertas e menos dissimuladas a partir da ascensão da extrema direita ao poder, que faz com que os grupos conservadores se sintam autorizados a adotar tal retórica.

Os exemplos de ataques ao Patrono da Educação Brasileira apresentados na presente pesquisa se constituem em pequena mostra da agressividade que circula livremente na internet e também nas ruas. Aos olhos dos grupos de reacionários, Paulo Freire personifica a esquerda, o comunismo, o questionamento à autoridade que põe em risco a família conservadora. Ele não está sozinho na mira de grupos extremistas: negros, mulheres, indígenas, a comunidade LGBTQIA+, são minorias constantemente atacadas, assim como outros grupos como jornalistas, artistas progressistas e até juízes do STF.

A escolha do pedagogo como objeto de estudo, estimulada pelo centenário em setembro de 2021, tem origem no contraste de sua pedagogia amorosa, baseada no respeito e no diálogo com a atuação agressiva, desrespeitosa e antidialógica dos que o atacam. Para Paulo Freire, a palavra tinha potência transformadora: “A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as” (1987b, p. 12). O que torna ainda mais significativa a contraposição com a retórica adotada pelos que o atacam.

Os tênues limites da liberdade de expressão tornaram-se um desafio para a tolerância. Isso levanta a questão de até que ponto a democracia pode suportar o discurso de ódio que, por si só, desafia o regime democrático ao promover alternativas antidemocráticas. Portanto, entram em pauta os limites para a aceitação desse tipo de narrativa que corrói a democracia. Levando em consideração tais aspectos, é preciso avançar na compreensão do discurso de ódio como uma prática capaz de comprometer a convivência social e a própria democracia. A polarização e o desrespeito ao outro, conforme abordado na presente pesquisa têm deixado marcas profundas.

A liberdade de expressão é um dos pilares do regime democrático ao permitir que todos e cada um expressem seus pensamentos, ideias e ideologias na arena pública. Nesse sentido, seria interessante a continuidade da presente pesquisa com a análise de artigos acadêmicos de pesquisadores que se oponham a Paulo Freire para trazer a luz o questionamento de Voltmer, “os antidemocratas devem desfrutar das próprias liberdades que pretendem destruir?” (2013, p. 38, tradução nossa).

## Referências Bibliográficas

ALITO, J. Matal, Interim Director, United States Patent and Trademark Office V. Tam. Supreme Court Of The United State, EUA, 2016. Disponível em: [https://www.supremecourt.gov/opinions/16pdf/15-1293\\_1o13.pdf](https://www.supremecourt.gov/opinions/16pdf/15-1293_1o13.pdf) Acesso em 8 ago. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo. Hucitec Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra 4.ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 12ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987b.

GEHLEN, Maria Eloá. **O amor x o ódio: a atualidade do pensamento de Paulo Freire e o desassossego dos neofascistas no Brasil**. Olhar de Professor, vol. 23, p.1-14, 2020. Disponível em: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68464195066>. Acesso em 02 ago. 2021.

GONZALEZ, I. de P.: **La dimensión universal de los derechos humanos frente al discurso de odio de Donald J. Trump**. DIGNITAS año X, número 30, enero-abril 2016. P. 15-42. 2016

GUTERRES, A. **As chamadas do discurso de ódio**. Folha de S. Paulo, 30/06/2019.

GUTIÉRREZ, Francisco. **A dimensão humana de Paulo Freire**. In: Reinventando Paulo Freire no século 21, Carlos Alberto Torres et al., São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008

LEAL DA SILVA, Rosane et al. **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira**. Revista Direito–GV, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, jul./dez. 2011.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por> Acesso em 18 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pacto Internacional sobre Direitos Cíveis e Políticos**, 1966. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/professionalinterest/pages/ccpr.aspx> Acesso em 18 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **Estratégia e Plano de Ação Sobre Discurso De Ódio**. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/en/genocideprevention/hate-speech-strategy.shtml> Acesso em 12 nov. 2020.

RØNNING Helge, **On Press Freedom and Other Media Freedoms**, p.43-51 Freedom of Expression and Media in Transition. In: Freedom of Expression and Media in Transition. Studies and reflections in the digital age. Gotemburgo: Nordicom/ University of Gothenburg, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A Sociedade Incivil: Mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

VOLTMER, Katrin. **The media in transitional democracies**. Cambridge: Polity, 2013.

WALDRON, Jeremy. **Dignity and defamation: the visibility of hate**. In: Harvard Law Review, v. 123, p. 1596-1657, 2010.